

O Trabalho no Cacao Cabruca: conhecimento tradicional e agroecológico no assentamento Terra Vista no sul da Bahia

Resumo: Este ensaio busca da visibilidade ao trabalho desenvolvido por assentadas e assentados com o cacao cabruca no assentamento Terra Vista do MST, no município de Arataca-BA. Refletir sobre a conquista da terra e a produção nas roças de cacao, sendo essa relação marcada por grandes influências da questão de classe e raça, em que os grandes fazendeiros subalternizavam, mulheres, negros e indígenas. Após a conquista da terra, ocuparam esse território com práticas tradicionais e conhecimentos agroecológicos por uma maior autonomia e cuidado do meio ambiente.

Palavras chave: Trabalho, Agroecologia, conhecimento tradicional.

Work at Cacao Cabruca: traditional and agroecological knowledge in the Terra Vista settlement in south Bahia.

Abstract: This essay seeks visibility of the work developed by settlers and settlers with cacao cabruca in the Terra Vista settlement of the MST, in the municipality of Arataca-BA. Reflect on the conquest of land and production in the cocoa plantations, this relationship being marked by great influences on the issue of class and race, in which the large farmers subordinated women, blacks and indigenous people. After conquering the land, they occupied this territory with traditional practices and agroecological knowledge for greater autonomy and care for the environment.

Key words: Work, Agroecology, traditional knowledge.

1 - Doutoranda PPGAS UFRN — Bolsista Capes
janahenrisantos@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-9656-5529>
<http://lattes.cnpq.br/9238868693926809>

2 - Mestrando PPGAS UFRN — Bolsista Capes
alescobar@utp.edu.co
<https://orcid.org/0000-0003-4513-3651>
<http://lattes.cnpq.br/8548171263190829>

Nosso interesse antropológico busca dar visibilidade ao trabalho das assentadas e assentados com a produção agroecológica em território da reforma agrária, no assentamento Terra Vista do MST, no município de Arataca-BA.

A agroecologia é formada pelo tripé: movimento social, práticas sustentáveis de produção agrícola, e ciência. Um projeto de sociedade que contribui no processo de campesinato (SILIPRANDI, 2009). Há vinte e cinco anos o assentamento foi fundado, desses, vinte anos as assentadas e os assentados veem realizando a transição agroecológica, que significa um processo de mudança nas técnicas e práticas de cultivo do modo convencional, incluindo o uso de agrotóxicos e manejo inadequado do solo, para uma relação de harmonia e preservação ambiental. Desde então, o assentamento Terra Vista é considerado uma experiência referência para o MST, em virtude de ter implantado o sistema agroflorestal nos modos da agroecologia.

Ao chegarmos no assentamento Terra Vista fomos apresentados às pessoas de referências que nos contaram sobre o processo de luta e conquista pela terra e o processo de transição agroecológica, este último, nos permitiu identificar as principais atividades agrícolas e seu sistema agroalimentar, geração de renda e modo de vida das assentadas e dos assentados. A produção das imagens se deu a partir da nossa inserção no cotidiano do assentamento no período de noventa dias, entre dezembro de 2019 a fevereiro de 2020. Foi a nossa vivência com as/os interlocutoras/es que permitiu a partilha das agendas de trabalho, tanto nos oferecíamos quanto também recebíamos convites para acompanhar as atividades. O consentimento para fotografar se dava nesse momento de acordar sobre horários e locais de encontro.

Em geral, o trabalho com a agroecologia no assentamento está relacionado a produção agrícola voltada para a alimentação, comercialização e o cuidado ambiental, com o plantio de árvores e manejo florestal. Nos espaços de viveiro de mudas (florestal e frutíferas), roça coletiva e familiar de cacau, hortas nas escolas e nos quintais. Além das atividades de formação voltadas para o desenvolvimento do respeito entre as pessoas, às crianças e a desigualdade de gêneros, conforme os princípios que admite a agroecologia.

O cacau cabruca ocupa um terço da área do assentamento, sendo 300 hectares. Cacau Cabruca significa aquele produzido de forma florestal, plantado e manejado em baixo de demais árvores nativas da mata atlântica, formando um extrato baixo nesse agroecossistema. É a principal atividade produtiva do assentamento, através de um sistema de trabalho que permite a continuidade de uma prática tradicional, que se alinhou aos princípios agroecológicos e contribuiu para potencializar a produção, gerando renda e endossando uma identidade das assentadas e assentados do Terra Vista na região. Esse conhecimento é ancestral, resistindo às lavouras de cacau produzidos de forma de monocultura.

Ao longo dos anos o aumento da produção e comercialização do cacau cabruca no assentamento se deu em virtude de dois fatores principais: a chegada da “vassoura de bruxa”, praga que dizimou nos anos 80 boa parte do plantio na região, levando ao abandono das grandes fazendas de cacau por seus proprietários. Fato que estimulou a desintrusão das fazendas para o MST, pois, “se não fosse a “vassoura de bruxa” nem um Sem Terra teria terra nem cacau aqui”, conforme afirma João da Silva, assentado do Terra Vista. O segundo fator é o desenvolvimento dos princípios agroecológicos na produção, cujos desdobramentos tem proporcionado soberania e segurança alimentar, geração de renda, fortalecimento da atuação política e das relações sociais e visibilidade aos diferentes trabalhos exercidos pelas mulheres. Esses fatores tem contribuído para a construção de uma comunidade tradicional formada por coletivos de pessoas com traços étnicos fortemente demarcados por uma ancestralidade negra, indígenas e de agricultoras e agricultores oriundos de uma agricultura tradicional rural, características da região Sul da Bahia.

O trabalho desenvolvido pelas mulheres e homens na produção do cacau cabruca no Terra Vista é uma conquista da luta de classes, compreendida como um “agrupamento social que resulta dos processos de cooperação, divisão do trabalho, competição e conflito no terreno específico da posição de bens e serviço” (SAFFIOTI, 2013), cuja atuação proporciona as assentadas e assentados desfrutar do direito de “ocupar, resistir e produzir”, conforme lema do MST.

As mulheres assentadas do Terra Vista além de desenvolver os trabalhos domésticos e de cuidados, assumem papéis na articulação e organização nas diferentes linhas de ação do movimento, trabalham nas escolas do assentamento como merendeiras e secretárias, profissionais de saúde, na roça e na comercialização da produção de alimentos. Produzem cacau para seu beneficiamento, se distanciando, por exemplo, do objetivo dos homens em vender o fruto in natura para atravessadores. Ademais, são as responsáveis pelo processamento e beneficiamento do cacau para produção de polpas, sucos para a família e também são envolvidas na produção de chocolates, como é o caso das jovens mulheres da Fábrica Escola de Chocolates. Contudo, o trabalho agrícola das mulheres, assim como o trabalho doméstico, ainda é identificado em vários casos e estudos sobre divisão sexual do trabalho como sendo “ajuda” (BUTTO, 2014).

Antes da conquista do assentamento as assentadas e os assentados eram sujeitos subalternizados nas lavouras de café nos latifúndios da região, com a luta pela terra empunhada pelo MST, a resistência de uma prática ancestral de produção do cacau cabruca e o fortalecimento através dos princípios da agroecologia, esses sujeitos políticos reuniram condições de trabalho agrícola de forma democrática, autônoma e identitária para as mulheres, homens e juventudes do assentamento.

A narrativa construída junto a escolha das fotos, busca integrar a cultura do Cacau Cabruca e o contexto social e político da relação com a terra, de forma a visibilizar a identidade dos trabalhadores e trabalhadoras, que narram as etapas de germinação, colheita, beneficiamento e comercialização, como processo não apenas produtivo, mas também formativo e político que demonstra uma agroecologia agrícola, mas também social.

Compreendemos também certa familiaridade das/os interlocutores com atividades imagéticas ligadas ao fato de o assentamento ser referência em várias dimensões, recebendo visitas de forma constante. Fato que contribui de alguma maneira para uma atmosfera participativa da produção das imagens. Fotografamos sujeitos políticos que sabem da importância de dá visibilidade ao projeto de sociedade que buscam vivenciar,

defender e visibilizar.bens e serviço” (SAFFIOTI, 2013), cuja atuação proporciona as assentadas e assentados desfrutar do direito de “ocupar, resistir e produzir” , conforme lema do MST.

Contacto da fábrica de chocolate: <https://www.instagram.com/chocolateterravista/>

Referências

BUTTO, Andrea; FARIA, Nalu; HORA, Karla; DANTAS, Conceição (Orgs). Mulheres Rurais e autonomia: formação e articulação para efetivar políticas públicas nos territórios da cidadania. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2014.

ROSSET, Peter Michael; TORRES, María Elena Martínez. Agroecología, territorio, recampesinización y movimientos sociales Agroecology, territory, re-peasantization and social movements. Estudios Sociales. Revista de alimentación contemporánea y desarrollo regional, v. 25, n. 47, p. 273–299, 2016.

SILIPRANDI, Emma. Mulheres e Agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar. 2009.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. A mulher na sociedade de Classes. São Paulo: Expressão Popular, 2013.















